



## COMPROMISSO DO TERAPEUTA COM O CLIENTE

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI<sup>1</sup>

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento

Campinas - SP

Inicia-se mais uma sessão...

Diante do cliente, o terapeuta se questiona: devo dar prosseguimento aos temas que foram tratados na sessão anterior ou aguardo as manifestações do cliente no momento presente? Propor-se tal questionamento é bom sinal! É a diferença entre o terapeuta ficar sob controle de regras ou das contingências de reforçamento atuais.

O processo terapêutico não se assemelha à programação de um Curso, confusão constantemente repetida em supervisões clínicas. Os objetivos de um processo terapêutico são mutáveis. Há razões para tal. O cliente responde ao ambiente social e físico em função do repertório comportamental atual; as funções dos eventos-estímulos – antecedentes e consequentes – foram construídas pela história de contingências de reforçamento até o momento; as operações motivacionais são limitadas pelos dois itens anteriores. Tais são os componentes do mundo comportamental do cliente. O mundo comportamental não é estático. Apenas para fins de estudo, de sistematização e de compreensão momentânea, o mundo comportamental pode ser congelado. Tal mundo é dinâmico, porém. Nunca se imobiliza, não se repete, mas se transforma sempre e continuamente. O terapeuta deve ter claro o conceito de mundo comportamental dinâmico, embora por limitações práticas ele seja conduzido a paralisar momentaneamente o processo. Deveria, portanto, esclarecer sempre aquilo que afirma com a advertência: no presente momento, com os dados disponíveis e com minhas limitações de análise, afirmo que... (“Tais comportamentos são mantidos pelas consequências tais”; “Meu cliente se comporta como se estivesse exageradamente carente de atenção...”). Afirmar que o mundo comportamental é dinâmico não significa dizer que é aleatório. Comportamentos são fenômenos naturais que obedecem a leis, passíveis de serem formuladas e demonstradas. Conclui-se, então, que as possibilidades de análise comportamental do terapeuta são limitadas pelo acesso limitado que tem ao mundo comportamental do cliente em dado momento ou até aquele momento (desde que o processo terapêutico se iniciou...). Objetivos estabelecidos e procedimentos aventados, ou até mesmo introduzidos, e a análise conceitual elaborada têm a ver com

---

<sup>1</sup> Em janeiro/2012.



as importantes limitações sugeridas. Os conceitos do terapeuta e do supervisor, emitidos em dado momento, sob limitações inevitáveis, não devem ser considerados incorretos. Melhor nomeá-los como limitados ou transitórios. E o terapeuta e o supervisor devem estar cientes de que a análise presente, e inclusive aquilo que se propõem a realizar na próxima sessão, é um recorte do mundo comportamental do cliente, que pode ter validade por tempo indeterminado ou deixar de ser atual em qualquer sessão seguinte. Bastam novos fatos, considerados relevantes pelo cliente ou pelo terapeuta, e se está diante de um novo mundo comportamental (um namoro recém iniciado, a admissão num emprego cobiçado, a descoberta de uma traição conjugal etc.).

Em geral, fatos notáveis, que podem alterar bruscamente a ênfase, a direção, os objetivos, os procedimentos do processo terapêutico, são raros. Ao mesmo tempo, são autoevidentes. Além disso, embora possam ser dramáticos no momento que eclodem e mobilizem intensamente atos e sentimentos das pessoas envolvidas, eles muitas vezes têm atualidade temporária e o cliente está mais sob influência de motivações intensas (em geral expressas e verbalizadas como sentimentos) que se dissipam e se alteram mais rapidamente do que se costuma imaginar num primeiro momento! Não darei ênfase a tais ocorrências.

Durante o processo terapêutico, o cliente enriquece o repertório comportamental, os eventos-estímulo mudam de funções (estímulos neutros podem se tornar reforços positivos ou negativos, reforços positivos e negativos podem inverter funções prévias), operações motivacionais se alteram... Exposto a novos estágios da própria história de contingências, o cliente geralmente se transforma. Há um novo mundo comportamental. O mesmo raciocínio se aplica ao terapeuta. A influência terapeuta↔cliente é recíproca e ambos se transformam, um sob controle dos comportamentos do outro e vice-versa, de tal maneira que os objetivos estabelecidos, os procedimentos introduzidos, a análise comportamental conceitual formulada são revistos e podem ser reformulados. Tantas vezes quantas se fizerem necessárias.

O terapeuta pode entrar para a sessão com um conjunto de conceitos comportamentais estabelecidos, com objetivos claramente definidos, com procedimentos delineados (em geral, todas tais classes comportamentais são definidas na supervisão, ou pelo próprio terapeuta), compondo um conjunto de regras que funcionam como eventos antecedentes para controlar os comportamentos do terapeuta na sessão. Parte do repertório comportamental do terapeuta é, portanto, governado por regras. No entanto, há outros antecedentes para os comportamentos do clínico na sessão: os comportamentos atuais, presentes, do cliente. Estes devem ter uma importância hierárquica soberana. Mesmo que tais comportamentos do cliente



tenham função de fuga-esquiva, não devem ser desdenhados, mas analisados e influenciados. Parte do repertório comportamental do terapeuta é, portanto, modelado por consequências (melhor definido: modelado pelas contingências de reforçamento em operação na interação cliente-terapeuta). Sugiro uma orientação fundamental: o terapeuta deve ficar mais sob controle das contingências de reforçamento a que se expõe na interação com o cliente do que se deixar governar por regras ou autorregras. Dito de outra maneira, as regras e autorregras não podem ser cristalizadas, mas sua formulação deve ser revista em função de dados que se sucedem, se complementam, se corrigem, se ampliam...

O processo psicoterapêutico, assim compreendido, é dinâmico (não estático), funcional (não estrutural), selecionado (não causado), autoreavaliado (não pré-avaliado), sinuoso (não linear), sujeito a leis (não aleatório), contextualista (não mentalista), progressivamente mais abrangente (não limitado), dotado de variabilidade (não finito), interativo (não autoritário), mantido por eventos naturais (não arbitrários), catalisador de iniciativa e liberdade (não de dependência), gerador de autopromoção (não de prepotência), sensível aos comportamentos e sentimentos do outro (não individualista), cooperativo (não competitivo), construído (não predeterminado), transformador (não escravizador).